

## GRUPOS DE PESQUISA EM LAZER E INTERCÂMBIOS INTERNACIONAIS

**Recebido em:** 11/03/2011

**Aceito em:** 17/08/2011

*Alcyane Marinho, Priscila Mari dos Santos*  
CEFID/UDESC  
Florianópolis – SC – Brasil

*Mirleide Chaar Bahia*  
UFPA  
Belém – PA – Brasil

*C athia Alves*  
UNIARARAS  
Araras – SP – Brasil

**RESUMO:** Este artigo se propõe a apresentar a primeira fase de uma pesquisa em andamento subdividida em duas fases, que tem como objetivo geral investigar os intercâmbios internacionais e de coopera o entre pesquisadores e institui es do Brasil e do exterior, no que se refere à área temática do lazer. Parte-se da premissa de que processos deste teor se constituem em uma possibilidade fértil para o fortalecimento do compromisso com a emancipa o profissional e social, por meio da pesquisa e de outras iniciativas. A pesquisa se dá pelo caráter descritivo exploratório, com abordagem quantitativa e qualitativa dos dados. Os dados preliminares apontam um importante panorama sobre o perfil dos grupos brasileiros de pesquisa em lazer, constituindo-se no primeiro passo das investiga es sobre as possibilidades e existências de programas de intercâmbios em lazer entre pesquisadores do Brasil e do exterior.

**PALAVRAS-CHAVE:** Atividades de Lazer. Grupos de Pesquisa. Intercâmbio Educacional Internacional.

### RESEARCH GROUPS IN LEISURE AND INTERNATIONAL EXCHANGES

**ABSTRACT:** This paper aims to present the first stage of a research divided into two stages, which aims at investigating international exchanges and cooperation between researchers and institutions in Brazil and abroad, in leisure area. This kind of process constitutes an interesting opportunity to strengthen the commitment to professional and social emancipation, through research and other initiatives. The research is characterized as an exploratory approach with quantitative and qualitative data. Preliminary data indicate an overview of the profile of Brazilian research groups in

leisure, and an important beginning of investigations on the possibilities of exchange programs between leisure researchers from Brazil and abroad.

**KEYWORDS:** Leisure Activities. Research Groups. International Educational Exchange.

### Introdução

O lazer designa-se como um segmento complexo na vida social, constituindo-se em um direito de todos e em um princípio de construção da cidadania, capaz de criar diferentes possibilidades de contestação, de mudança de atitudes, de transformação de olhares, que expresso por meio de ações culturais em um tempo/espaço privilegiado para a manifestação do lúdico, pode possibilitar um redimensionamento no estilo de vida das pessoas, na inter-relação com as dimensões sociais deste segmento, tais como política, trabalho, economia, educação, f milia, entre outras (GOMES, 2004; MARCELLINO, 1996).

Diante disto, atualmente o lazer ocupa cada vez mais, espaços significativos entre os meios de comunicação em geral (programas de televisão, jornais, revistas de informação geral, r dio, internet, e outros) e entre o mundo acad mico como um todo, sendo foco de vivências, pesquisas e intervenções, sob diferentes abordagens.

De forma mais específica, algumas ações vêm contribuindo para a maior visibilidade e consolidação do lazer, observadas a partir dos anos finais do século XX até hoje, como o desenvolvimento de projetos e ações de lazer por instituições públicas, privadas ou ligadas ao chamado “terceiro setor” (sociedade civil organizada), e as ações dos estudiosos em geral que se interessam pela temática, impulsionando o crescimento da realização de eventos científicos ligados ao tema; da formação de profissionais em cursos de nível superior, cursos técnicos e cursos de p s-graduação nos níveis *lato e stricto sensu*; do número de publicações de livros e artigos em periódicos científicos,

defesas de monografias de graduação e especialização, dissertações de Mestrado e teses de Doutorado; dos centros de estudos e pesquisas sobre o lazer construídos em v arias instituições, vinculadas principalmente a universidades; e das investigações promovidas por programas governamentais como a Rede CEDES, coordenada pelo Departamento de Ciência e Tecnologia da Secretária Nacional de Desenvolvimento de Esporte e de Lazer do Ministério do Esporte, e pelos órgãos de fomento à pesquisa científica, como o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) (GOMES; PINTO, 2009).

O CNPq   constituído por uma base de dados que tem, como um de seus papéis, promover o intercâmbio aberto, no qual diversas pessoas podem consultar as informações contidas neste e estabelecerem um contato concreto com diferentes pesquisadores. Nesta base   possível encontrar a Plataforma *Lattes*, que tem como objetivo dinamizar, a todos os interessados, a busca por pesquisadores e por temáticas, sendo referência para toda a comunidade científica; e o Diretório dos Grupos de Pesquisa, que se constitui no inventário dos grupos de pesquisa em atividade do país, permitindo o conhecimento dos trabalhos que estão sendo realizados por eles nas diversas instituições de ensino no país, bem como, dos recursos humanos constituintes dos grupos de pesquisa. Os grupos de pesquisa podem ser legitimados, como um dos canais de maior representatividade de uma área específica. Neste contexto, o Diretório dos Grupos de Pesquisa pode ser considerado como uma das melhores estruturas político-administrativas de pesquisa no Brasil (CNPq, 2010).

Existe uma grande variedade de grupos de pesquisa cadastrados no CNPq, atrelados às diferentes áreas do conhecimento, os quais desenvolvem trabalhos de pesquisa sobre o lazer, seja de forma direta ou indireta, tais como das áreas da Educação

Física, da Pedagogia, da Sociologia, da Antropologia, do Turismo, entre outras (SOUZA; ISAYAMA, 2006). Este fato não é surpresa quando se reconhece que o lazer não pode ser entendido de forma isolada, nem ser restringido a nenhuma área específica, haja vista a sua complexidade e o seu caráter multidisciplinar.

Desta forma, seja qual for   área de inser o do fen meno do lazer, pode-se observar, nos últimos anos, o significativo envolvimento e a troca de conhecimentos e experiências entre alunos, professores e pesquisadores de diferentes países. Gomes e Pinto (2009) investigaram especialistas no assunto que destacaram a necessidade atual de ampliar os diálogos entre estudiosos brasileiros e estrangeiros, por meio de intercâmbios que possam gerar novas oportunidades de forma o profissional em diferentes  mbitos e níveis, na perspectiva do lazer.

Apesar desta aproxima o ainda ser realizada de forma “tímida” e com ausência de produ o científica específica sobre o tema “internacionaliza o em lazer”, ela tem se mostrado significativa e promissora. Esta ausência da produ o científica, sobre este enfoque específico, foi detectada justamente ao se fazer um levantamento preliminar nas bases de dados *Scielo* e *Lilacs*. No decorrer da análise dos dados coletados, não foram encontrados artigos que contivessem as varia es dos termos “intercâmbio internacional em lazer” e “internacionaliza o do lazer”. No entanto, ainda assim, outros estudos que desenvolvem o debate sobre a internacionaliza o da educa o de forma mais generalizada, foram muito úteis para as ideias aqui apresentadas (LO BIANCO, 2009; LIMA, MARANHÃO, 2009; MOROSINI, 2006).

Partindo dessas considera es, este artigo tem como objetivo apresentar dados preliminares da primeira fase de uma pesquisa em andamento subdividida em duas fases, que tem como objetivo geral investigar os intercâmbios internacionais e de

cooperação entre pesquisadores e instituições do Brasil e do exterior, no que se refere à área temática do lazer; e, como objetivos específicos, mapear os grupos de pesquisa em lazer no Brasil cadastrados no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), e promover uma análise das propostas de intercâmbios internacionais e de cooperação existentes no contexto destes grupos de pesquisa mapeados.

Com o intuito de provocar o debate sobre a temática, o problema desta pesquisa está norteado pelos seguintes questionamentos: Quais têm sido os tipos de intercâmbio sobre lazer efetivados nas universidades? Neste contexto, como tem se dado o envolvimento com as diferentes áreas do saber e quais têm sido os papéis dos professores, alunos e funcionários? Como têm sido os trâmites para a efetivação dos intercâmbios nas universidades? Trata-se de um envolvimento pessoal de determinados professores interessados ou existem editais institucionais de cooperação? Quais têm sido os resultados esperados e alcançados? E as perspectivas futuras?

Estes questionamentos contribuem para o desenvolvimento da pesquisa e, ainda, auxiliam nas discussões e análises em torno do tema.

### **Procedimentos Metodológicos**

O estudo está sendo realizado por meio de uma pesquisa descritiva exploratória, com abordagem quantitativa e qualitativa dos dados, a qual visará, em uma primeira fase, o mapeamento dos grupos de pesquisa em lazer no Brasil que têm efetivado algum tipo de intercâmbio internacional, e, em uma segunda fase, o aprofundamento das informações disponíveis nos grupos de pesquisa detectados na primeira fase. Conforme

Gaya *et al.* (2008, p.152), esse tipo de investigação “[...] demarca características ou delinea o perfil de determinado grupo ou população”.

Richardson (1989) aponta que as pesquisas com uma metodologia qualitativa são bastante adequadas para descrever a complexidade do problema, analisar a interação de certas variáveis, compreender e classificar processos dinâmicos vividos por grupos sociais, contribuir no processo de mudança de determinados grupos, possibilitando um maior nível de profundidade e de entendimento das particularidades do comportamento dos indivíduos.

Para a abordagem quantitativa, Ribeiro, Echeveste e Danilevicz (2001) apontam que podem ser realizadas análises numéricas dos dados levantados pelos instrumentos utilizados, sendo capazes de estabelecer relações e causas, levando em conta as quantidades.

Por sua vez, o levantamento bibliográfico perpassa por todas as etapas deste estudo e vislumbra as seguintes categorias: lazer; internacionalização; cooperação; intercâmbio.

Para a realização da primeira fase da pesquisa foi acessado o *site* do CNPq e o *link* do Diretório dos Grupos de Pesquisa. Na “busca”, foi acessada a Base Corrente e foi selecionada a opção “grupos”. Sem a utilização de filtro, foi inserida a palavra-chave “lazer”. Este procedimento possibilitou a visualização de uma lista com todos os grupos de pesquisa do Brasil cadastrados no *site*, com o referido termo, permitindo o acesso às informações de cada grupo de pesquisa, bem como de seus líderes e vice-líderes. Quando alguma informação não estava disponível nos dados do grupo de pesquisa ou nos dados dos líderes e vice-líderes, o *Currículo Lattes* dos pesquisadores foi acessado por meio de um *link* conduzindo aos currículos.

Todas as informações coletadas foram organizadas em uma ficha elaborada no documento do programa *Office/Excel* 2007, na qual foram registradas: o nome do grupo; o nome do líder e do (os) vice-líder (es) com suas respectivas titulações; os contatos do grupo; a instituição de origem; a região do país; o ano de formação; a data da última atualização; a área predominante; as linhas de pesquisa, e por fim, o *link* da *Home Page* do grupo (*site* próprio do grupo), se disponível. O mesmo programa foi utilizado para a análise estatística dos dados.

Para a realização da segunda fase da pesquisa, estão sendo analisadas as informações coletadas nos *sites* dos grupos investigados sobre possíveis intercâmbios, visando a aproximação do universo pretendido. A busca se dá pelos objetivos dos grupos e dos projetos de intercâmbio; o público atendido; as linhas de pesquisa em que estão inseridos; as relações com as áreas de conhecimento; entre outras questões e ainda nos *sites* próprios dos grupos, quando estes possuem tal ferramenta tecnológica. Desta forma, todos os líderes e vice-líderes dos grupos de pesquisa levantados na primeira fase do estudo, estão sendo contatados, via e-mail, e, de acordo com a disponibilidade e interesse dos mesmos, estão sendo solicitados a preencher um questionário, o qual foi previamente validado por professores especialistas na área, contendo perguntas referentes a esta fase de aprofundamento temático.

Os endereços de *e-mail* dos líderes e vice-líderes dos grupos foram levantados, em geral, na base de dados do CNPq, bem como, em artigos disponíveis na internet publicados pelo pesquisador, ou ainda pelo *site* de busca "*Google*". Nesta fase, por ocasião do contato, os investigados estão recebendo todas as informações sobre a procedência e os objetivos da pesquisa e, concordando com a mesma, assinam um termo

de consentimento livre e esclarecido, comunicando estarem de acordo com a divulga o dos dados coletados, em meios acad mico-científicos.

Por fim, os dados coletados serão analisados, comparados entre si e confrontados com a revisão de literatura, finalizando-se com a apresenta o descritiva dos resultados.

### **Contextualizando a Internacionaliza o**

Compartilhamos com Lo Bianco (2009) que falar da internacionaliza o no Brasil, no contexto de quase qualquer área do conhecimento é, de certa forma, redundante. O lazer, aqui em especial, assim como outros temas no contexto de programas universitários, manifesta-se já internacionalizado, uma vez que o saber ao qual, primeiramente, temos acesso, vem de países centrais - europeus e norte-americanos.

Lo Bianco (2009) apresenta dados dos Programas de Pós-gradua o em Psicologia ( rea de sua vincula o), os quais sempre foram internacionalizados, no sentido de quase sempre os professores estarem voltados ao saber que chega dos países centrais e de a bibliografia ser maciamente estrangeira. A autora aponta, por meio de outros estudos, uma análise dos relatórios, do ano de 2008, de 57 Programas de Pós-gradua o em Psicologia, apresentados   Coordena o de Aperfeiamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Na referida pesquisa, ao investigar a “Proposta do Programa”, a autora aponta que praticamente todos os Programas informaram que possuem intercâmbios com instituies estrangeiras, programas de estágios e outras participaes em organismos internacionais. As atividades incluídas com mais frequência foram: 1) a participao de alunos e professores em eventos internacionais; 2) a organizao (conjunta ou não) de

eventos internacionais; 3) visitas a centros e laboratórios estrangeiros; 4) visitas de professores estrangeiros aos Programas. Visitas essas que podiam ser pontuais (para palestras, oficinas, bancas) ou mais prolongadas (cursos). Além disso, observou-se o investimento de muitos Programas na circula o de alunos e professores em estágios p s-doutorais nas universidades estrangeiras, atrelada à preocupa o com a publica o em periódicos internacionais.

As a o es de internacionaliza o, apresentadas por Lo Bianco (2009), cobrem as necessidades de cada subárea, sendo importante que esses esforços sejam sistematizados e comparados quanto a suas consequências para a forma o e para o exercício da pesquisa e, certamente, avaliados em seus efeitos para o avanço do trabalho em cada subárea.

Para além disso, as ideias de Lo Bianco (2009) apontam a importância da realiza o de algumas reflexões acerca da distribui o de recursos, para que as a o es de internacionaliza o possam ser viabilizadas. A autora afirma que esta distribui o se dará, então, em rela o   avalia o e servirá para incentivar os projetos e pesquisa conjuntos, as missões de trabalho visando à estada de professores brasileiros em universidades estrangeiras e a de pesquisadores dessas universidades nos Programas brasileiros, e para financiar a ida desses pesquisadores para estágios p s-doutorais, bem como a dos discentes em doutorados-sandui es, sempre no âmbito dos acordos bilaterais.

Mais que nunca, a atra o de estudantes internacionais passa a representar divisas resultantes da imposi o de taxas de inscri o e anuidades, despesas que os estudantes (por meio de bolsas de estudo ou investimento proveniente das respectivas famílias) precisam arcar (transporte, habita o, alimenta o, saúde, lazer, etc.) durante

os estudos fora; sem desconsiderar o potencial de promover o país de acolhimento (língua, cultura, interesses políticos e econ micos, etc.) no país de origem, ao término da forma o (LIMA; MARANHÃO, 2009).

Gomes e Pinto (2009) apresentaram o depoimento de um especialista na área do lazer sobre a troca de experiências entre estudiosos brasileiros e estrangeiros, no qual foi destacada a necessidade de supera o dos desafios encontrados nesta articula o, superando as barreiras apresentadas (custo de participa o em congressos, aquisi o de publica es indexadas internacionais, entre outras), por meio da conquista de uma maior aten o dos relevantes órgãos internacionais, em especial para a América Latina.

Outra modalidade a ser encorajada, segundo Lo Bianco (2009), é a vinda de docentes, pesquisadores e doutorandos do exterior, para participarem das pesquisas desenvolvidas nas universidades nacionais, ainda que nem sempre essa vinda tenha que ser financiada, obviamente, com os recursos brasileiros. Tendo em vista que essas trocas, normalmente, ocorrem apenas no sentido contrário, do Brasil para o exterior, elas contribuiriam para a inser o das pás-gradua es brasileiras no contexto internacional, sem deixar de levar em conta o efetivo intercâmbio de conhecimento entre diferentes grupos de pesquisa.

Black (2004), partindo do exemplo da experiência prática do Departamento de Hospitalidade, Lazer e Gerência do Turismo da Universidade de *Oxford Brookes*, aponta que a internacionaliza o para estudantes, o currículo e as alianças internacionais podem depender da internacionaliza o da faculdade e que há uma necessidade subjacente para que a equipe de funcionários de ensino cumpra seu papel em permitir que as institui es de gradua o se tornem internacionalizadas.

Na contemporaneidade, de acordo com Lima e Maranhão (2009), a internacionalização da educação também tem evoluído da mobilidade de pessoas (manifestação recorrente) para a circulação de programas, abertura de novos campus, e instalação de instituições fora do país de origem.

Diante destas considerações, justifica-se a importância da internacionalização, que envolve razões relevantes para serem contempladas. Nesse sentido, associar o lazer ao fen meno da internacionalização reforça sua essência e contribui para a ampliação da educação nacional como um todo.

No que se refere ao lazer, compreende-se que este fen meno é fruto de diversas ocorrências, tais como, revolução industrial, mudança no modo de produção, processo de urbanização, afastamento dos seres humanos da natureza, evolução tecnológica, globalização, entre outros fatores, que podem ter causado a necessidade de estabelecer uma relação direta do lazer com as demais obrigações humanas e, também, gerado características específicas para este elemento.

Na sociedade atual, o entendimento de lazer pode ganhar uma moderna perspectiva em suas manifestações e denotar novas e diferentes características. A partir deste pressuposto, os intercâmbios sobre esta temática se justificam, uma vez que a aproximação entre diferentes povos e as trocas de conhecimentos fortificam ainda mais a relevância do lazer, como objeto de estudo, entendido como um elemento da cultura que sempre existiu; no sentido de que se há trabalho, também há lazer.

Quanto aos intercâmbios, Gatti (2005) propõe que são processos de aprendizagem que geram a intercomunicação com os pares, fortalecendo o trabalho em equipe, construindo redes de troca de ideias, disseminando propostas, formando grupos de referências temáticas; tornando-se, portanto, absolutamente necessários para as

investiga es de impulso do conhecimento. Segundo a autora, o intercâmbio pode desenrolar-se em planos regionais, nacionais ou internacionais, por meio de programas b asicos das agências de fomento à pesquisa, ou por programas de intercâmbio da Coordena o de Aperfei amento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) entre outros; e ainda, há possibilidade de convênios sustentados por universidades com financiamento próprio, além de haver pesquisadores que investem dinheiro pessoal para este tipo de iniciativa, contando com outros tipos de apoio que não os financeiros.

Apesar de os processos de colabora o científica e intercâmbios entre universidades de diversos países não ser uma iniciativa tão recente<sup>1</sup>, por muito tempo, esta se pautou em condi es essencialmente individuais e/ou pontualmente institucionais (ACEVEDO MARIN, 2004). A colabora o científica pode ser entendida como um empreendimento cooperativo que envolve metas comuns, esforço coordenado e resultados por meio dos quais os colaboradores compartilham a responsabilidade e o crédito (BALANCIERI, 2004).

Desta forma, a institucionaliza o da coopera o internacional se d  por meio do estabelecimento de acordos bi e multilaterais os quais, em sua maioria, firmam-se com base em interesses culturais, científicos e tecnológicos que devem oportunizar benefícios para os envolvidos (BRASIL, 2003).

No que se refere aos intercâmbios na área do lazer, pode-se sugerir que grande parte deles está vinculada à área da Educa o Física e que são operacionalizados por

---

<sup>1</sup> De acordo com Velho (1997), a colabora o científica é um fen meno tão antigo quanto   própria Ciência e, segundo seus estudos baseados em Beaver e Rosen (1978), Price (1963) e Price e Beaver (1966), os esforços colaborativos envolvendo pesquisadores de países diferentes foram detectados já no século XIX, configurados em diversas formas e acontecendo, freqüentemente, no âmbito dos chamados "colégios invisíveis", os quais são compostos por grupos de pesquisadores que se encontram em congressos, conferências, reuniões sobre suas especialidades, visitam-se por meio de intercâmbios institucionais ou realizam trabalhos em colabora o. Para Velho (1997, p.59), este tipo de organiza o "transcende os limites do departamento, da institui o, de um país e abrange cientistas de todos os lugares do mundo onde tiver atividade científica relevante na área, ou na especialidade em questão".

grupos de pesquisa cadastrados na base de dados CNPq, ao observar os resultados obtidos em um estudo realizado por Reis (2009) sobre o cenário da produ o neste campo, quando encontra 128 grupos de pesquisa cadastrados no CNPq, sendo que 50% dos grupos estão localizados na área da Educa o Física (64 grupos). O autor compara com outra pesquisa realizada em 2006, por Souza e Isayama, diagnosticando que houve um aumento significativo no número de grupos, pois os outros autores detectaram no ano de 2005, 81 grupos, dentre os quais 36 eram da área da Educa o Física. Reis (2009) reporta-se também ao estudo de Gomes e Melo, do ano de 2003, no qual identificaram 51 grupos cadastrados, dos quais 28 pertenciam   área da Educa o Física.

Portanto, o aumento no número dos grupos de pesquisa é significativo e pode ser comprovado pelo fato de, atualmente, serem encontrados 211 grupos de pesquisa em lazer no Brasil na referida base. No entanto, igualmente, pode-se detectar a ausência de produ o científica, no contexto destes grupos, sobre a especificidade do tema “internacionaliza o ou intercâmbio em lazer”.

### **Resultados e Discussões Preliminares - Primeira Fase da Pesquisa**

Conforme os dados coletados na fase inicial deste estudo, existem atualmente 211 grupos de pesquisa que estudam, direta ou indiretamente, o lazer no Brasil, sendo que 127 possuem líderes e vice-líderes e 84 possuem apenas líderes. Este fato pode significar que os pesquisadores reconhecem a importância e a dificuldade em liderar um grupo de pesquisa sozinho e, por isso, a maioria deles não dispensa um pesquisador com a fun o de vice-líder entre os membros do grupo. Estes pesquisadores, por sua vez, possuem pós-doutorado (55); doutorado (189), mestrado (77) e especializa o (5). Isto

demonstra que os pesquisadores se preocupam em ter capacitação e conhecimentos mais aprofundados sobre o tema para desempenharem as funções de líderes ou vice-líderes de seus grupos. Alguns líderes (3) e vice-líderes (2) estão presentes em mais de um grupo de pesquisa distinto mantendo a mesma função nestes. Outros líderes (6) estão presentes em mais de um grupo de pesquisa distinto ocupando a função de vice-líderes nos diferentes grupos. Ainda, um líder e um vice-líder estão presentes juntos em mais de um grupo de pesquisa distinto mantendo suas funções nestes diferentes grupos. Esta participação de pesquisadores que desempenham funções de líderes e/ou vice-líderes em outros grupos diferentes, pode-se constituir em uma possibilidade fértil para a iniciativa de ações de intercâmbios e de cooperação, uma vez que, normalmente, os grupos têm objetivos, linhas de pesquisa, e pesquisadores diferentes, podendo então ocorrer trocas de experiências de forma mais facilitada.

Os grupos de pesquisa estão distribuídos em 42 instituições federais, 24 estaduais, duas municipais e 28 particulares, sendo que em algumas instituições há mais de um grupo. Eles estão localizados na região Sudeste (85); seguidos pela região Nordeste (54), Sul (42), Centro-Oeste (17) e Norte (13). Esta maior concentração de grupos na região Sudeste do país também foi encontrada num estudo similar, realizado por Souza e Isayama (2006), cujo objetivo foi analisar os grupos de pesquisa da área da Educação Física cadastrados no CNPQ que se dedicam   produção de conhecimento sobre o lazer. Este fato pode estar relacionado à maior concentração de universidades nesta região do país. Segundo Martins (1996), 63,3% das instituições brasileiras de ensino superior concentram-se na região em questão.

O primeiro grupo de pesquisa que aborda o lazer direta ou indiretamente foi criado em 1970. Entre 1970 e 2000 foram criados mais 33 grupos. A partir de então, a

criação de grupos foi amplamente superior, tendo sido criados 7 grupos em 2001; 26 grupos em 2002; 6 grupos em 2003; 18 grupos em 2004; 17 grupos em 2005; 20 grupos em 2006; 19 grupos em 2007; 21 em 2008; 19 grupos em 2009 e 24 grupos em 2010.

Este cenário se justifica exatamente pelo fato de, em 2002, ter-se tornado obrigatório aos bolsistas de pesquisa, mestrado, doutorado, iniciação científica, além de orientadores credenciados e outros sujeitos que utilizam o CNPq, terem o currículo cadastrado na Plataforma *Lattes*. A inexistência do cadastro impediria pagamentos de bolsas e renovações (SOUZA; ISAYAMA, 2006).

P de-se perceber a inserção de 105 grupos de pesquisa na grande área das Ciências da Saúde, seguida pela inserção de 58 grupos na área das Ciências Humanas; 41 grupos na área das Ciências Sociais Aplicadas; 3 grupos nas Engenharias e 2 grupos nas Ciências Biológicas. O vínculo expressivo às Ciências da Saúde relaciona-se   localização dos grupos de pesquisa junto à Educação Física. Dos 105 grupos de pesquisa localizados na área das Ciências da Saúde, 98 são da área de conhecimento da Educação Física. Desta forma, concordando com os estudos de Daolio (2007), acreditamos que a Educação Física tornou-se efetivamente uma área de produção de conhecimento científico, deixando de ser apenas uma área de prática pedagógica.

Além destes 98 grupos relacionados à Educação Física, outras 22 áreas do conhecimento foram relacionadas aos 113 grupos de pesquisa restantes, o que confirma o caráter multidisciplinar do lazer: Educação (25 grupos); Turismo (22 grupos); Antropologia (12 grupos); Psicologia, e Sociologia (14 grupos, sendo 7 em cada); Planejamento Urbano e Regional (6 grupos); Geografia (4 grupos); Fisioterapia e Terapia Ocupacional, H storia, Administração, e Arquitetura e Urbanismo (12 grupos, sendo 3 em cada); Medicina, Saúde Coletiva, Economia, Serviço Social, e Engenharia

de Produção (10 grupos, sendo 2 em cada); Desenho industrial, Museologia, Comunicação, Engenharia Naval e Oceânica, Ecologia, e Parasitologia (6 grupos, sendo 1 em cada).

Nesta perspectiva, os estudos e as linhas de atuação no lazer não se concentram em uma área específica, podendo apresentar intervenções interdisciplinares entre diversos campos de conhecimento (Educação Física, Turismo, Pedagogia, Serviço Social, Psicologia, Sociologia, Artes, Arquitetura e Urbanismo, Administração entre outras), nos vários cursos e unidades acad micas das Instituições de Ensino Superior (IES), em suas diferentes interfaces com o trabalho, com a cultura e com a educação (ISAYAMA, 2002).

Desta maneira, apesar da interdisciplinaridade de áreas que abrangem os 211 grupos investigados, mais da metade deles (122) tem pelo menos uma linha de pesquisa com o termo “lazer” em sua denominação. Alguns destes grupos (17), contam com 2 linhas de pesquisa com o referido termo; Outros (6) contam com 3 linhas de pesquisa com o termo “lazer” em sua denominação; e, ainda, 2 grupos têm 4 linhas de pesquisa com o termo lazer especificado na denominação destas.

Em termos de quantidade, podemos observar que a maioria dos grupos trabalha com um número pequeno de linhas distintas de pesquisa, entre 1 e 4 (14 grupos trabalham com apenas 1 linha de pesquisa; 32 grupos trabalham com 2 linhas de pesquisas distinta; 62 grupos com 3 linhas de pesquisa; e 40 grupos com 4 linhas de pesquisa;). Poucos grupos trabalham com uma quantidade de linhas de pesquisa que varia de 5 a 7 (27 grupos com 5 linhas de pesquisa; 14 grupos com 6 linhas de pesquisa; e 8 grupos com 7 linhas de pesquisa;) e uma quantidade ainda menor de grupos trabalha com um número igual ou superior a 8 linhas de pesquisa diferente (4 grupos com 8

linhas de pesquisa; 2 grupos com 9 linhas de pesquisa; 3 grupos com 10 linhas de pesquisa; 3 grupos com 13 linhas de pesquisa; e 2 grupos com 14 linhas de pesquisa;). Ainda assim, esses resultados sugerem que, em geral, a maioria dos grupos gera diferentes abordagens do conhecimento acerca da temática do lazer, normalmente com determinadas especificidades de acordo com o campo de conhecimento em questão. As diferentes reflexões teóricas estimulam a constru o de novas ideias e abordagens, estimulando o interesse e o engajamento nos estudos do tema (SOUZA; ISAYAMA, 2006).

Estes resultados preliminares reafirmam a interdisciplinaridade do lazer, sugerindo que as trocas de experiências acerca do tema são muito ricas e variadas, constituindo-se em mais uma justificativa para a necessidade de intercâmbios entre os pesquisadores brasileiros e estrangeiros.

Ainda é preciso lembrar que nem todos os grupos de pesquisa envolvidos com o lazer, seja direta ou indiretamente, estão cadastrados no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq. No entanto, é importante destacar que os dados obtidos são frequentemente utilizados para a formula o de políticas de incentivo e de fomento pelas agências acad micas. Sendo assim,   possível que muitos grupos de pesquisa, ainda, não tenham dado a devida importância para o fornecimento preciso dos dados (TEIXEIRA; MARINHO, 2010). Também, é preciso destacar que nem todos os grupos disponibilizam todas as informa es que a base de dados permite, como titula o de seus líderes e vice-líderes, por exemplo, fazendo com que algumas informa es tivessem de ser buscadas no *Currículo Lattes* destes pesquisadores.

Apesar de, ainda, alguns grupos não atualizarem seus dados com freq u ncia, a atualiza o mínima anual   necessária para que eles possam obter recursos para a

continuidade de suas pesquisas. Al em disso, este fato tamb em é importante quando se pensa no interc ambio aberto e f acil que a base de dados do Diret orio de Grupos de Pesquisa do CNPq pode propiciar aos interessados em tomar as primeiras iniciativas de trocas de conhecimentos acerca da tem atica do lazer. Diante disso, dos 211 grupos analisados, a grande maioria (176) estava com seus dados atualizados h a menos de 6 meses; Alguns grupos (21) estavam com os dados atualizados h a mais de 6 meses; e poucos grupos (14) tinham atualizados seus dados h a mais de 1 ano. A grande quantidade de grupos que estava em dia com a atualização de seus dados pode tamb em ser devida a data estabelecida pelo CNPq para que o procedimento fosse realizado naquele ano (5/12/2010), e os dados sobre os grupos terem sido coletados ao longo do dia 17/12/2010, desconsiderando alterações feitas pelos grupos ap os esta data.

### **Considerações Finais**

Acredita-se que a concretização de acordos de cooperação internacional, por interm edio dos interc ambios internacionais no âmbito do lazer, vem a ser um passo significativo para a área e reafirma o compromisso das Instituições Brasileiras com a formação e capacitação dos profissionais de lazer do país, estabelecendo mais um desafio. No contexto do processo de transformação vivenciado pelas universidades brasileiras, principalmente no que se refere à sua função histórica e social, os acordos de cooperação internacional devem se solidificar em direção ao compromisso com a formação de pessoas com visões críticas, ideias e ações aut nomas, e comprometidas com o pleno exercício da democracia, da solidariedade e da equidade social.

Desta forma, os resultados preliminares alcançados apontam um importante panorama sobre o perfil dos grupos de pesquisa em lazer no Brasil, constituindo-se no

primeiro passo das investigações sobre as possibilidades e existências de programas de intercâmbios em lazer entre os pesquisadores do Brasil e do exterior.

A busca por acordos de cooperação internacional reforça o seu caráter bi e/ou multilateral, ou seja, a possibilidade de prestar e receber cooperação de diferentes naturezas, a exemplo da produção científica e da aquisição de métodos e tecnologias de estudo e de trabalho. Nesse sentido, a continuidade desta pesquisa se justifica por trabalhar com possibilidades, até então, pouco exploradas com relação ao segmento do lazer e os intercâmbios internacionais entre instituições, pesquisadores e professores do Brasil e de outros países que já realizam ações nesse sentido. Além disso, esta iniciativa promover  o estímulo a outras iniciativas institucionais e pessoais a estabelecerem diferentes modalidades de intercâmbio e parcerias, em busca do desenvolvimento de projetos educacionais, de capacitação profissional e de pesquisa, que contribuam para a formação de recursos humanos, a produção e a difusão do conhecimento na área do lazer.

## REFERÊNCIAS

ACEVEDO MARIN, R. E. **Internacionalização da Educação Superior no Brasil:** relatório final / Rosa Elizabeth Acevedo Marin e Walterlina Brasil. Belém: Associação de Universidades Amazônicas - UNAMAZ, 2004.

BALANCIERI, R. **Análise de redes de pesquisa em uma plataforma de gestão em ciência e tecnologia:** uma aplicação   plataforma *lattes*. 2004. Dissertação (Mestrado) Engenharia de Produção - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

BLACK, K. A Review of factors which contribute to the internationalization of a program of study. **Journal of Hospitality, Leisure, Sport and Tourism Education.** v.3, n.1, p.5-18, 2004.

BRASIL, W; ACEVEDO MARIN, R. E. Ensino superior na Amazônia Brasileira: bases para a cooperação interuniversit ria. In: ACEVEDO MARIN, Rosa. E. (Org.) **UNAMAZ:** um projeto de cooperação Pan-Amazônica. Belém: UNAMAZ, 2003. p.159-177.

CNPq. **Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil**. Disponível em:  
<http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/>. Acesso em: 27 set. 2010.

DAOLIO, J. O ser e o tempo da pesquisa sociocultural em Educa o Física. Campinas.  
**Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. v. 29, n. 1, p. 49-60, 2007.

GATTI, B. **Forma o de grupos e redes de intercâmbio em pesquisa educacional:**  
dialogia e qualidade. Funda o Carlos Chagas, Departamento de Pesquisas  
Educaionais n. 30, Set-Dez, 2005.

GAYA, A. (Org.). **Ciências do movimento humano:** introdu o à metodologia da  
pesquisa. Porto Alegre: Artmed, 2008.

GOMES, C. L.; MELO, V. A. de. Lazer no Brasil: Trajetória de estudos, possibilidades  
de pesquisa. In: **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 9, p.23-44, 2003.

GOMES, C. L.; PINTO, L. O lazer no Brasil - Analisando práticas culturais cotidianas,  
acad micas e políticas. In: GOMES, C; OSORIO, E; PINTO, L; ELIZALDE, R. (Org.)  
**Lazer na América Latina/Tiempo libre,  cio y recreaci n em Latinoamérica**. Belo  
Horizonte: Editora UFMG, 2009.

GOMES, C. L. (Org.). **Dicionário crítico do lazer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

ISAYAMA, H. F. **Recrea o e lazer como integrantes de currículos dos cursos de  
gradua o em Educa o Física**. 2002. Tese (Doutorado) Educa o Física -  
Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educa o Física. Campinas, 2002.

LIMA, M. C.; MARANHÃO, C. M. S. A. O sistema de educa o superior mundial:  
entre a internacionaliza o ativa e passiva. Campinas. **Avalia o**. v.14, n.3, p.583-610,  
2009.

LO BIANCO, A. C. Da globaliza o inevitável   internacionaliza o desejável. São  
Paulo. **Revista latino-americana de psicopatologia fundamental**. v.12, n.3, p.445-  
453, 2009.

MARCELLINO, N. C. **Estudos do lazer** - uma introdu o. Campinas: Autores  
Associados, 1996.

MARTINS, C. B. Ensino universitário em números. **Jornal da Ciência Hoje**. Rio de  
Janeiro: SBPC, 1996.

MOROSINI, M. C. Estado do conhecimento sobre internacionaliza o da educa o  
superior - conceitos e práticas. Curitiba. **Educar**, n 28, p.107-124, 2006.

REIS, L. J. A. **Novos atores em cena nos estudos do lazer no Brasil:** possíveis  
diálogos a partir da teoria configuracional. Disserta o (Mestrado) - Educa o Física,  
Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2009.

RIBEIRO, J. L. D.; ECHEVESTE, M. E. S.; DANILEVICZ, A. M de. **A utiliza o do QFD na otimiza o de produtos, processos e serviços**. Porto Alegre: FEEng/UFRGS, 2001.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1989.

SOUZA, A. P. T.; ISAYAMA, H. F. Lazer e Educa o Física: Análise dos Grupos de Pesquisa em Lazer Cadastrados na Plataforma Lattes do CNPq. Buenos Aires, **Revista Digital**, v.1, n. 99, ago. 2006. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd99/cnpq.htm/>>. Acesso em: 20 maio 2009.

TEIXEIRA, F. A.; MARINHO, A.. Atividades de aventura: reflexões sobre a produ o científica brasileira. Rio Claro, **Motriz**, v.16, n.3, p.536-548, jul./set. 2010.

VELHO, L. **Coopera o em Ciência e Tecnologia no Mercosul**. Síntese Final. Brasília: MCT, 1997.

#### **Endereço das Autoras:**

Priscila Mari dos Santos  
Servidão Olindina Maria Lopes, 904, Campeche.  
Florianópolis - SC - CEP: 88.066-028  
Endereço Eletr nico: priscilamarisantos@hotmail.com